

Sarney, ^{discurso} emocionado, recebe título

Fritz Utzeri e Teresa Cardoso

Coimbra, Portugal — "Fra, fre, fri, fro, fru. Ari, quari, quari, quari. Chiribi-ta-ta-ta, hurra, hurra" foi o que o presidente José Sarney ouviu ao sair da cerimônia onde recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra. Um grande número de estudantes saudou-o no pátio manuelino com este incompreensível grito de guerra dos acadêmicos, envergando suas tradicionais capas pretas, que usam desde 1955.

Na cerimônia houve de tudo. Na imponente Sala dos Capelos, sob um teto magnífico e policrômico, ao som de Haendel e cercado pelos olhares de todos os reis de Portugal, Sarney entrou vestindo capa e batina seguido de uma guarda de arqueiros, alabardas erguidas. Tudo foi mais ou menos bem até Sarney acabar seu discurso. Aí, o protocolo, velho de séculos, foi quebrado. Em lugar de charamela (uma banda) que deveria tocar entre as alocuções, as palmas, proibidas, partiram da comitiva do presidente.

E todos haviam sido previamente advertidos de que não poderiam aplaudir. Mas os imprevistos não pararam aí. A solenidade do ato de doutoramento transcorreu em meio a um mar de câmeras de TV e máquinas fotográficas, além de longas varas com microfones nas pontas, na ânsia — talvez — de captar as palavras em latim de Sarney respondendo a uma pergunta do reitor da universidade:

Gradum doctoratus in plaeclara facultatis ("grau de doutorado na preceara facultade"). Sarney, depois de paramentar-se, seguiu pelo pátio de universidade, indo à chamada Via Latina, ornamentada com ramos e louros, até entrar na Sala dos Atos. Eram 11h41 min (a cerimônia estava prevista para as 11h). Os doutores, com suas elaboradas borlas de várias cores, segundo as facultades, entraram ao som da charamela com Sarney, em meio ao cortejo,

ainda descoberto, sentando-se em uma cadeira no corredor central do salão.

A sua frente, no estrado reitoral, estavam o presidente de Portugal, Mário Soares, o reitor e os dois oradores que o apresentariam. Falando em pé e de frente para o estrado, Sarney — que segundo o texto de Coimbra deveria pronunciar "a breve e elegante oração" — falou durante 22 minutos.

Após sua fala, Sarney, emocionado — chegou a enxugar uma lágrima furtiva —, ouviu a apresentação do diretor da Faculdade de Direito, José Joaquim Gomes Canotilho.

O segundo discurso foi extremamente cantativo, a ponto de Mário Soares e vários convidados cabecearem de sono de vez em quando. Em sua tribuna, o bispo de Coimbra parecia sonhar com anjos.

Depois foi a correria dos fotógrafos, em verdadeira luta corporal com a segurança. Sarney recebeu a borla vermelha da Faculdade de Direito. Desta vez, todos tiveram o cuidado de medir previamente sua cabeça, para evitar constrangimentos como o de Tancredo, que teve de usar uma borla emprestada que, em momentos, chegava-lhe ao nariz. Ainda com ar emocionado, Sarney abraçou todos os doutores e mestres sentados em volta da sala, lotada por seus convidados, estudantes e pessoas de categoria elevadíssima, segundo a terminologia de Coimbra.

À saída, sempre ao som da charamela, foi para a biblioteca, onde recebeu seu diploma. No pátio, o chefe da Casa Militar, fardado e aparentando contrariedade, aguardava em seu automóvel. No início da cerimônia, quando Sarney era paramentado na biblioteca, o general Bayma Denys não pôde entrar. A regra determina que só os doutores podem acompanhar o doutorando. Sarney é o quarto presidente brasileiro a receber o título. Antes dele foram agraciados Juscelino Kubitschek, Café Filho e Tancredo Neves.

Diplomata agracia amigos

Lisboa — Uma guerra de punhos de renda agita o pessoal diplomático brasileiro durante a viagem do presidente José Sarney a Portugal. Os problemas vieram à tona com o episódio das 20 medalhas concedidas pelo governo português a personalidades brasileiras. A seleção das pessoas agraciadas obedeceu ao critério pessoal do conselheiro da Embaixada do Brasil em Madri, André Amado, que privilegiou amigos sem expressão e excluiu pessoas de maior renome.

Como outros 40 diplomatas sediados em Caracas, Londres, Nova Iorque, Washington e Paris, Amado foi deslocado para Portugal durante a visita de Sarney para ajudar o pessoal de apoio da comitiva presidencial, que conta com 40 pessoas. No seu segundo dia em Lisboa, foi encarregado de levar ao governo português 20 medalhas da Ordem do Mérito do Rio Branco, para serem oferecidas a personalidades portuguesas.

Na oportunidade, o diplomata, que é paren-

te distante de Jorge Amado, recebeu o pedido de um funcionário do governo português para que examinasse uma lista de brasileiros a quem a chancelaria queria homenagear com as medalhas das Ordens de Cristo, Santiago e Infante de Sagres. Amado indicou Norton Rapesta e Sílvio Bandeira, ambos 3ºs secretários do Itamarati e seus amigos, mas excluiu César Amaral, que é 1º secretário e tem dez anos de casa.

Ele indicou também o chefe de transportes da comitiva presidencial, Telles Pacheco, para receber a comenda e excluiu os médicos do presidente — doutores Paulo Tourinho e Alcides de Almeida. Amado colocou na lista o nome de Fernando César Mesquita e cortou o do sobrinho do embaixador Costa e Silva, que representa o Brasil em Portugal. Por fim, colocou na lista de homenagens pelo governo português o seu próprio nome — André Amado.

A lista de agraciados pelo governo português surpreendeu a comitiva presidencial.

A escola dos primeiros líderes

Na Universidade de Coimbra, o presidente disse:

"Razão assistiu ao presidente Tancredo Neves, quando agradeceu à Universidade Coimbra a preparação de líderes políticos que fizeram a independência do Brasil. Nossa autonomia política tem a singularidade de nos manter fiéis às nossas origens, sem prejuízo da consciência nacional.

Nossas primeiras lideranças nasceram nestas salas, nestes corredores, nestes pátios. Aqui se formaram os nossos próceres, aqueles que moldaram o país com a sua consciência autônoma, preservando os valores de que nos orgulhamos: a língua, a unidade física, o sentimento cristão, a vocação da liberdade, o gosto de construir e realizar.

Ninguém estranhará que se coloquem num político a borla e o capelo da Faculdade de Direito. O direito é o urdume pelo qual passa, ou deveria passar, a trama da política. A ciência

jurídica não cessou jamais de alimentar o pensamento político, de dar forma, justeza, amplitude e rigor às aspirações de permanência e de mudanças sociais. Do mesmo modo que o pensar e o agir políticos são os responsáveis pela própria ordem jurídica, pois é nos partidos e no parlamento que surgem ou se impõem as ideias que se substituem, modificam, completam ou renovam democraticamente as leis."

O presidente Sarney disse na Câmara Municipal do Porto:

"Em nossos países, os ideais comuns de democracia e de liberdade brilham intensamente nestes tempos. Retoma o Brasil, hoje, o caminho do crescimento econômico e do aperfeiçoamento de suas instituições políticas e sociais. Graças às raízes de sua tradição democrática e à perseverança e ao trabalho de todos os cidadãos, seiva natural da árvore portuense, soube superar as vicissitudes decorrentes de uma conjuntura econômica internacional perversa e de um sistema financeiro mundial injusto e anacrônico."

1986

JORNAL DO BRASIL

em Coimbra

Coimbra, Portugal — Foto de Wilson Pedrosa